UMA INTRODUÇÃO
É tempo de morangos

Pensei
que a liberdade vinha com a idade
depois pensei
que a liberdade vinha com o tempo
depois pensei
que a liberdade vinha com o dinheiro
depois pensei
que a liberdade vinha com o poder
depois percebi
que a liberdade não vem
não é coisa que lhe aconteça
terei sempre de ir eu

— Sónia Balacó, *Constelação*

Certo dia, já adulta e bem longe de casa, e logo depois da partida da minha avó, entrei em um café no Porto, em Portugal, onde moro hoje, e fui envolvida pelo aroma de um bolo de coco. Meus olhos se encheram de lágrimas. Era como ser transportada ao passado, de volta àquela sala de estar com o mesmo aroma, onde aprendi a ler, àquele colo onde descobri o significado do amor.

Nascemos e crescemos cercados por essas memórias. Damos os primeiros passos com as pernas trêmulas, aprendemos a dar tchau com as mãos ainda pequenas e, antes mesmo de assimilar o significado das palavras, entendemos quem são as pessoas à nossa volta e tentamos nos comunicar com elas. O mundo, nesse primeiro instante, é aquilo

que nos cerca: os rostos familiares, as vozes conhecidas, as paredes que nos protegem. Não questionamos. Não há o que questionar. Apenas absorvemos, acreditamos, vivemos. Aos poucos, vamos aprendendo o que é cheiro de mar, qual é o cheiro de flor e como é o cheiro de bolo quentinho na casa de vó. É tempo de primeiros sabores, primeiras lágrimas, primeiros aprendizados. Nessa primeira infância, o mundo parece girar devagar, calmo, conectado com as nossas descobertas. Como naquela frase de Clarice Lispector em *A descoberta do mundo*: «É como se o mundo estivesse à minha espera. E eu vou ao encontro do que me espera.»

Minha lembrança mais antiga é a de estar no colo da minha avó sendo colocada em frente à janela da sala para ver a rua. Se eu fechar os olhos agora, consigo voltar àquela casa, sentir o cheiro dela, ouvir cada barulho da vizinhança e, como em um passe de mágica, voltar a ter quatro ou cinco anos. Aquela janela foi meu primeiro contato com o mundo lá fora, e minha avó foi meu primeiro contato com o amor. Um amor que inspira e que tem gosto de bolo de coco com leite condensado. O mesmo amor que leva minha geração a sair pelo mundo na esperança de encontrar esse sentimento em todas as esferas da vida, o que talvez seja o nosso maior erro. Não ir atrás dessa sensação, porém, me parece até pecado.

Naquela mesma sala foi onde li minhas primeiras palavras, graças à paciência da minha avó, que, mesmo sem saber escrever direito, me ajudou a juntar as primeiras sílabas, já que ninguém na escola conseguia me alfabetizar.

Eu tinha quase oito anos quando comecei a ler, idade considerada tardia pelo ensino clássico no Brasil, mas a leitura só me interessou de verdade quando as cobranças foram substituídas por um carinho ou um biscoitinho de vó. A leitura me libertou de várias contingências, tanto no meu ambiente familiar quanto no meu contexto social.

Ler faz parte do processo de ir embora. Crescemos, porque é inevitável. Começamos a olhar para o mundo e a questionar seu funcionamento, sua lógica. Deixamos o ninho, abandonando as certezas, construindo nossa identidade longe dos olhares tanto de aprovação

quanto de reprovação. Para entender esse mundo mais amplo — e me entender como indivíduo —, fui buscar respostas na filosofia.

Sócrates fazia perguntas para levar as pessoas à reflexão. Não impunha nada, indagava tudo; não ensinava, despertava. O fundamento da sua filosofia é a busca pelo conhecimento. Para ele, a sabedoria não estava na posse de respostas definitivas, mas na coragem de questionar.

Platão, seu discípulo, preferia a exploração da metafísica. Fez da palavra escrita a ponte para a imortalidade do pensamento. Para ele, a realidade que vemos é a sombra, um reflexo imperfeito de algo maior. Aristóteles, aluno de Platão, foi além. Enquanto seu mestre via um mundo de ideias eternas, ele enxergava um mundo de formas em movimento, regido por causas e princípios que a razão podia compreender. Buscou não apenas pensar, mas organizar o pensamento, criar métodos, definir categorias, dar estrutura e propósito ao conhecimento. O bem não estava em um mundo distante, mas na prática cotidiana do equilíbrio, na sabedoria de encontrar o meio-termo em todas as coisas.

Demorei anos para entender que a vida é esse processo aristotélico ativo em que o «eu» não é apenas um reflexo do mundo externo, mas também do meu ser individual, da minha imaginação e independência. Perceber que o «meu» mundo não se resumia ao lugar onde nasci ou à família em que cresci foi como desatar um nó apertado. Causou alívio, mas também estranheza, pois aquele aperto já parecia parte de mim.

No livro *As cidades invisíveis*, Italo Calvino inverte a lógica habitual dos espaços: se no mundo real os circos chegam às cidades, aqui as cidades chegam aos circos. Calvino brinca com a ideia que temos de cidade, com o conforto e o desconforto das grandes metrópoles. O escritor italiano afirma que duas pessoas podem até compartilhar um espaço geográfico, mas nunca vão habitar exatamente a mesma cidade, visto que suas experiências, emoções e seus olhares criam realidades distintas, ainda que parecidas. Ou seja, cada indivíduo enxerga o seu lugar no mundo sob um ângulo único.

Com o passar dos anos, conheci outras casas e fiquei da altura de outras janelas, que se somaram à basculante do meu lar de infância. É a partir delas que observo o mundo e me enxergo nele. Hoje, entendo melhor a discrepância entre infâncias tranquilas e a que tive, entre a

minha família e as outras. Habitávamos pontos diferentes. Não éramos um circo chegando a uma cidade, éramos a cidade desembarcando num circo. Caóticos, fora de compasso, carregando bagagens que não cabiam em mala alguma. Eu me sentia à deriva, sem direção, como se vivesse na órbita errada. Torcia para que o mundo fosse diferente, como quem vibra na final de um campeonato e traz na camisa os dizeres: «Eu torço pela vida.»

Assim que me formei na faculdade, agarrei a primeira oportunidade de ir embora. Saí quase correndo para outro país, sem pensar nas consequências. No peito, só um medo danado de não ver nada, de não sentir nada, de não amar nada. Era como se eu já estivesse atrasada, mesmo sem saber para o quê. Era um misto de apreensão e agonia de ignorar o que existe para além do que dizem existir. Vencer esse medo me custou meus últimos momentos com muita gente. Com a minha avó, com meu pai, com os alunos da escola em que eu adorava trabalhar, com os amigos e, acima de tudo, comigo mesma. Quando se vai embora, é para sempre. Foi apenas no momento da partida que senti, de verdade, que estava deixando o circo. Conheci novas cidades, morei em outras casas e me vi no direito de torcer pela *minha* vida.

Com o tempo, deixei de lado essas divagações, mas vira e mexe, lá no fundo, ainda bate um medo sem nome. Em uma cena de guerra em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, Riobaldo discorre sobre o medo: «Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. […] Mas ninguém tem licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito é que é meu — o que quero e sobre quero —: é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim!» Nesse trecho, Riobaldo reivindica seu direito de não ser aprisionado pelo medo que os outros lhe impõem, e por isso não é mais jagunço. Por mais que demore, uma hora conseguimos nos libertar da origem, da programação, do esperado. Vejo isso também na obra *Vale Abraão*, de Agustina Bessa-Luís. Em seu percurso errante, ao contrário de Riobaldo, que reivindica o controle do próprio destino, Ema Paiva não se fixa em nenhum lugar. A identidade dela se dissolve na fluidez dos espaços que ocupa, indo e vindo entre o Douro rural e a modernidade urbana. O casarão onde mora, que deveria representar

ancoragem e estabilidade, torna-se um não lugar e, por consequência, um reflexo da sua desconexão com o mundo ao redor. Ela não finca raízes, apenas estabelece conexões temporárias com diferentes espaços, nos quais acaba por se dissolver. Assim, o Douro, Lisboa, Paris, e até a própria casa, deixam de ser territórios estáveis e se tornam zonas de fluxo e transformação, onde sua subjetividade se dilui e se reformula sem parar. Ao contrário de Riobaldo, que recusa o medo imposto, Ema se perde entre deslocamentos e impossibilidades, sem nunca reivindicar sua existência por completo.

Permanecer no mesmo lugar, insistir nos mesmos erros, repetir ciclos intermináveis é o verdadeiro fracasso da vida adulta. Às vezes me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ficado, se tivesse insistido, se tivesse lutado para manter contato com aquele outro mundo onde já vivi. A única resposta que me vem à cabeça é o último verso do poema «Constelação», de Sónia Balacó: «Terei sempre de ir eu.»

Terei sempre de ir eu porque há um impulso em mim que não cessa, um movimento que não aceita permanência por conveniência, que não compactua com o conformismo do conhecido no sofrimento. Carrego comigo todos os lugares por onde passei, todas as janelas pelas quais já contemplei o mundo, inclusive aquela por onde o vi pela primeira vez. Mas sigo em frente. A casa onde crescemos, as relações que construímos, as memórias que carregamos podem se tornar fortalezas impenetráveis ou prisões invisíveis. Há quem passe a vida inteira tentando sair delas, e há quem passe a vida inteira fingindo que saiu.



Quando conheci Macabéa, o que mais me impactou foi a possibilidade de me reconhecer nela. Li *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, no ensino médio, e as opiniões na minha turma se dividiam entre sentir pena ou raiva da protagonista. Eu, no entanto, sempre tive medo. Um medo genuíno, como quando alguém tem pavor do escuro e precisa dormir com o abajur aceso e a porta aberta. Macabéa é a representação mais crua do que podemos nos tornar quando nos anulamos por completo: passivas, entorpecidas, irracionais.

Se Riobaldo luta contra o medo e Ema se dissolve na errância, Macabéa nem sequer percebe que poderia existir de outra forma. Ela atravessa a vida em um estado de inércia, sem reclamar a si mesma. Não descobre o mundo, não descobre quem é, não descobre a própria dor. Vive uma existência de *in*descobertas. Não chega nem a perceber que é infeliz.

Ela segue como quem não se questiona, como quem não se permite. É algo que dói no âmago. Passamos a sentir o frio dela, a fome dela, a ouvir o rádio dela e, de repente, estamos completamente submersos no livro, naquela vida, com uma necessidade silenciosa de saber *como* saciar aquilo, ou ao menos entender se é mesmo possível. O instante em que ela enfim tem um vislumbre de esperança, uma fagulha de algo diferente, é também aquele em que tudo acaba. Como se a vida zombasse dela. Como se o universo, que nunca lhe deu nada, fosse ao menos coerente e também não lhe oferecesse um final. Não há catarse, não há transformação, não há redenção. Como está na última frase de *A hora da estrela*: «Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.»

O trecho flutua na página como um resquício de algo que deveria ser bonito, mas ali soa deslocado. A última palavra do livro é «sim». E a primeira também. Tudo começa de novo. Como um ciclo vicioso. Como um destino preso em si mesmo. Como se Macabéa não fosse apenas uma, mas várias, renascendo e desaparecendo sem que ninguém percebesse. A vida das não descobertas me apavora. É preciso ir. Assim como quando Bethânia canta os versos de Jorge Vercillo: «O mais importante do bordado é o avesso, o mais importante em mim é o que eu não conheço.»

Este livro nasce de uma leitura dinâmica e aberta, consciente de suas limitações diante da vastidão da arte. É uma tentativa de abarcar o inabarcável, de atravessar romances, contos, filmes, músicas, documentários e toda expressão capaz de estabelecer um diálogo entre a arte e a vida. Ao longo destas páginas, o leitor encontrará contradições, interpretações subjetivas e até mesmo distorcidas, frutos de um olhar que tenta reunir tudo aquilo que, de alguma forma, já me tocou. Há referências exemplificadas com minúcia e outras apenas citadas de forma despretensiosa.

Eu poderia ter optado por uma abordagem mais acadêmica, mais técnica, mas escolho deliberadamente o caminho ingênuo, como o cheiro de bolo de vó. Como a arte, ela e eu estaremos sempre conectadas. Assumo que este é um livro guiado por essa intuição, como nos versos de «Quatro poemas de Delta», de António Ramos Rosa: «Todo aquele que abre um livro entra numa nuvem/ ou para beber a água de um espelho/ ou para se embriagar como um pássaro ingênuo.»

Este é um livro ingênuo. Divirta-se.